

A um passo do impeachment



Heródoto Barbeiro (*)

Esse modelo cai como uma luva para turbinar uma crise política no país.

É apresentado em momentos-chaves, quando o presidente da República está fragilizado politicamente. É acusado de um crime grave tenha ou não praticado. O pedido é protocolado por um deputado da oposição, acusado de estar aliado aos grandes latifundiários do Brasil e da alta burguesia industrial.

A bancada governista protege como pode o presidente, que se auto-apresenta como o “pai dos pobres” e, por isso, tendo ou não dinheiro no cofre, autoriza um aumento real substancial no salário mínimo. Isto provoca uma reação do mundo financeiro e empresarial que alerta que os custos de produção vão aumentar e que a população mais pobre vai acabar pagando a conta. A previdência, por sua vez, caminha a passos largos para a bancarrota diante da desproporção entre os recebimentos e os pagamentos para aposentados e pensionistas.

Tudo leva a crer que a crise só tende a piorar. O presidente se apresenta como líder de um programa que pretende distribuir renda e proporcionar aos pobres uma melhor qualidade de vida. Essa promessa ele defendeu em toda a campanha presidencial e não a escondeu de quem quer que seja. Nem da oposição. Esta apresenta um candidato militar, afinado com a doutrina militar cultivada nos colégios militares e reafirma o que alguns historiadores chamam de “partido verde-oliva”.

O propósito é impedir que a esquerda suba ao poder e ponha em risco o desenvolvimento do capitalismo, como almeja a elite econômica do Brasil. Mas o homem é bom de palanque. Sabe falar o que o povo quer ouvir e sua voz é inconfundível. Qualquer um, em qualquer recanto do Brasil, sabe quem ele é. O seu partido está identificado com os trabalhadores, especialmente nos centros industriais do centro sul do país. Aparentemente, não há força política capaz de impedir a volta do líder dos descamisados. É um momento de mudanças no país como é vendido pela mídia, apoiada pelo governo com verbas de financiamento e anúncios ofi-

ciais. Mesmo assim, as nuvens carregadas acumulam-se no horizonte político.

O relatório contrário ao impeachment do presidente da República sustenta que não há elementos que justifiquem o afastamento do chefe do Executivo. Ainda assim, a oposição força a votação no plenário da Câmara e é fragorosamente derrotada. Apenas 35 votam a favor, 136 votos a favor do afastamento e 40 abstenções. Mesmo derrotado, a batalha no Congresso Nacional aprofunda a crise política liderada por um grupo radical da oposição liberal, apelidado de Banda de Música.

Um pequeno grupo de deputados da UDN, União Democrática Nacional, usa e abusa da imprensa para atacar o governo e acirrar os ânimos contra o presidente Getúlio Vargas, reeleito em 1950. As coisas pioram quando ocorre um atentado contra o jornalista Carlos Lacerda, um ex-comunista convertido ao liberalismo, em que morre um oficial da Força Aérea Brasileira. A suspeita sobre a autoria do atentado recai sobre o chefe da guarda pessoal de Getúlio, Gregório Fortunado. Os militares da FAB se amotinam na base aérea onde constituem a chamada “República do Galeão” e intimam o presidente a ser interrogado.

Vargas se recusa. O Brasil está à beira de uma guerra civil entre a oposição e os partidos de esquerda que nomeiam Vargas de nacionalista, defensor do Brasil contra o imperialismo americano. O pingo d’água é a reportagem publicada no Rio de Janeiro em que se noticia que o filho do presidente e Gregório usam dinheiro público na compra e venda de uma grande fazenda no Rio Grande do Sul. Caminha-se para a derrubada inconstitucional de Getúlio, que pede para um assessor escrever uma carta à nação e se suicida em 1954 no palácio presidencial. Não é a primeira vez que Vargas publicamente prometia acabar com a própria vida, como fez um de seus irmãos, Maneco, em 1932.

(*) - Âncora do Jornal Nova Brasil, colunista do R7, tem livros nas áreas de Jornalismo, História, Mídia Training e Budismo. Mestre em História pela USP e inscrito na OAB. Palestras e mídia training. Canal no Youtube “Por Dentro da Máquina”, (www.herodoto.com.br).

Jovens usam chatbots para se informar

Os chatbots, robôs conversacionais baseados em inteligência artificial, como o ChatGPT, estão começando a ser usados como fontes de informação, especialmente pelos mais jovens.

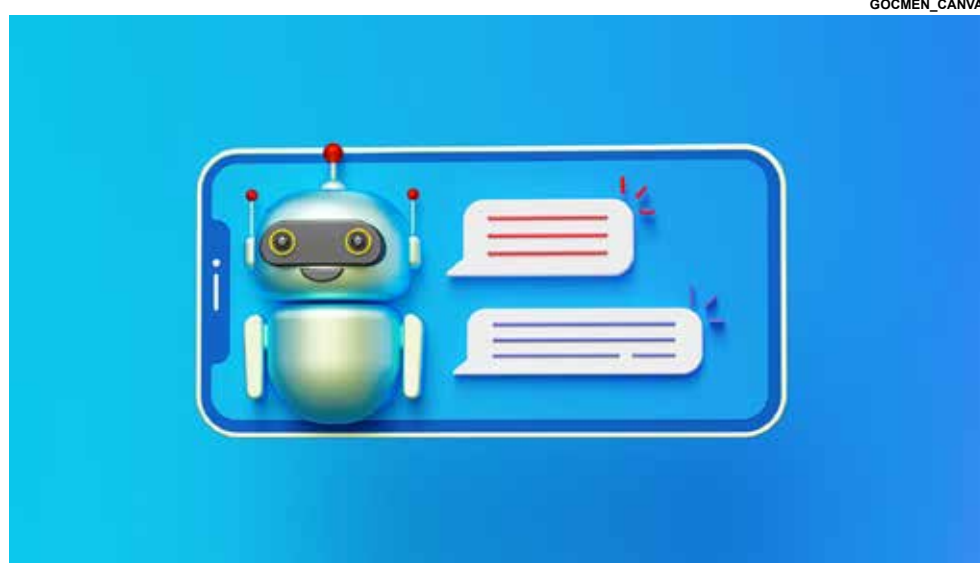
Vivaldo José Breternitz (*)

A constatação está no relatório anual sobre meios de comunicação recentemente divulgado pelo Instituto Reuters para o Estudo do Jornalismo, da Universidade de Oxford. O estudo é baseado em entrevistas online feitas com 97 mil pessoas de 48 países, incluindo o Brasil.

Segundo o relatório, 7% dos entrevistados afirmam usar semanalmente ferramentas de IA para se informar — um número ainda considerado baixo. No entanto, esse percentual sobe para 12% entre os menores de 35 anos e para 15% entre os menores de 25.

Apesar da crescente adoção, o público segue desconfiado: muitos acreditam que informações geradas por IA são menos transparentes e confiáveis.

O ChatGPT, da OpenAI, é o mais utilizado como fonte de informação, à frente do Gemini, do Google, e do Llama, da Meta. Grandes empresas de mídia têm firmado acordos com plataformas de IA - a Associated Press fornece conteúdo ao Gemini e à OpenAI; a Meta utiliza conteúdo da Reuters.



Os usuários apontam como principais vantagens dessas ferramentas a personalização das informações e a capacidade de resumir textos, traduzi-los, sugerir conteúdos e responder a perguntas sobre notícias.

Outro destaque do relatório é a permanência da rede X (ex-Twitter) como importante plataforma de debate público global; usada por 11% dos entrevistados

para se informar, X segue atrás de Facebook (26%), YouTube (21%), Instagram (16%) e WhatsApp (15%). Outras redes, como Bluesky, Threads e Mastodon têm pouca relevância nessa área.

É mais uma mudança de cenário com as quais a mídia tradicional precisa conviver.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor e consultor – vjntz@gmail.com.

Cinco razões para colocar as habilidades no centro da estratégia

De acordo com o relatório “Skills Snapshot 2024/2025”, realizado pela Mercer, consultoria global de recursos humanos e benefícios, áreas como aprendizagem (30%), gestão de desempenho e desenvolvimento de carreira (28%) demonstraram altos níveis de maturidade em práticas baseadas em habilidades. O estudo destaca como as organizações estão se preparando para o futuro, mudando a maneira de gerir os talentos com base em suas competências e fomentando a inovação e produtividade das equipes.

De acordo com Ricardo Rocha, CEO e cofundador da acaso, startup com soluções de inteligência de skill-matching, a volatilidade das tecnologias torna as skills cada vez mais obsoletas para acompanhar as mudanças. “As empresas precisam transformar o olhar sobre os profissionais, valorizando suas habilidades para além de seus cargos. Nessa estrutura baseada em habilidades, ao invés de depender de promoções ou decisões hierárquicas, o colaborador assume o protagonismo de sua trajetória, desenvolvendo sua carreira com base em seus objetivos e nas necessidades da organização”, explica o executivo.

Pensando nisso, conheça cinco razões para que as empresas invistam no modelo skills-based e potencializem as carreiras de seus colaboradores.

1- Mais flexibilidade, menos restrições e pessoas limitadas às suas caixas organizacionais

Os cargos podem até permanecer os mesmos, mas suas descrições estão em constante mudança. Em um cenário cada vez mais dinâmico, a verdadeira estabilidade e evolução de carreira vêm da flexibilidade e multiplicidade de skills. Quanto mais se investe em aprendizado que vá além da especialização ou do cargo,



Ricardo Rocha

maior é a capacidade de adaptação das pessoas à dinâmica do trabalho, tornando-os profissionais mais desejados pelo mercado.

2- Sem vieses na tomada de decisão do RH e lideranças

Com o foco em skills, lideranças e times de Recursos Humanos (RH) passam a considerar apenas informações relevantes para a tomada de decisão, reduzindo a possibilidade de interferência de vieses pessoais e tornando a gestão organizacional mais ética.

3- Mais agilidade e eficiência na contratação

Quando o recrutamento é baseado em habilidades, a eficiência do processo tende a aumentar. Essa abordagem proporciona uma visão mais clara das competências necessárias para cada função, em vez de se apoiar exclusivamente em certificações e qualificações genéricas. Com isso, a seleção se torna mais assertiva e amplia-se o pool de talentos, promovendo maior diversidade

de perfis e reduzindo o custo e o tempo para o preenchimento de vagas. Dados do LinkedIn de 2023 revelaram que, no Brasil, por exemplo, aumenta-se o pool de talentos em 20,2x.

4- Talentos devidamente alocados, maior produtividade

O papel do RH é guiar os profissionais ideais para os projetos certos, no tempo certo. O modelo skill-based, aliado a uma visão 360° sobre os talentos, potencializa contratações e alocações de forma assertiva e qualificada. Aproveitar as aptidões internas e direcioná-las a iniciativas sinérgicas é um movimento natural de empresas com processos skill-based maduros. De acordo com um estudo realizado pelo LinkedIn em 2024, 89% dos profissionais acreditam que a inteligência artificial tem acelerado a identificação de talentos. Desta forma, as organizações podem mapear as competências de seus colaboradores e alinhá-las diretamente às demandas do negócio.

5- Aumento do engajamento de profissionais

Atuando na área e projeto alinhado aos seus objetivos de carreira, o engajamento do colaborador é maior e, por isso, é fundamental alocar os profissionais com base em suas habilidades, promovendo um trabalho com mais propósito. Em 2024, foram realizados 6,5 milhões de pedidos de demissão, segundo dados disponibilizados pela Fundação Getúlio Vargas — 30% dessas solicitações foram de jovens entre 18 a 24 anos. Essa nova geração demonstra uma forte necessidade de atuar em algo que faça sentido, com propósito e foco em desenvolvimento, o que tem levado o mercado a refletir sobre o futuro do trabalho e a adotar novos modelos de gestão e negócios.

KaBuM! anuncia parceria com Machenike e se torna revendedora oficial da marca no Brasil

O KaBuM!, maior e-commerce de tecnologia e games da América Latina, anunciou uma parceria estratégica com a marca Machenike durante um evento em São Paulo na noite desta quarta-feira, 25. A empresa do grupo Magalu tornou-se a revendedora oficial dos produtos da companhia chinesa no Brasil. A iniciativa

marca a entrada oficial da Machenike no país e reforça o posicionamento do KaBuM! como destino preferencial dos gamers brasileiros.

A parceria contempla a venda exclusiva de diversas linhas de produtos da Machenike, reconhecida internacionalmente por oferecer periféricos e equipamentos com design arro-

jado, durabilidade, performance de alto nível e preços competitivos. A princípio, o portfólio disponível no KaBuM! inclui mouses, teclados e headsets. A expectativa é que, ainda em 2025, a operação seja ampliada para abranger controles, notebooks gamers, notebooks office, monitores, mini PCs e acessórios variados.

News @TI

Bradesco utiliza plataforma própria de IA generativa

O Bradesco dá mais um passo rumo ao futuro do setor financeiro por meio da “Bridge”, uma plataforma proprietária de inteligência artificial (IA) generativa, projetada para impulsionar a eficiência operacional, acelerar o lançamento de produtos e aprimorar a experiência dos usuários. Com mais de 3 milhões de clientes e 80 mil colaboradores já impactados por meio da BIA, assistente virtual do banco que utiliza a solução, a Bridge foi desenvolvida sob medida para as demandas da instituição e atua como habilitadora, integrando múltiplas capacidades de IA com foco em segurança, governança e escalabilidade.